

Ao longo desta vida que se esvai,
sempre sonhando, eu fiz os meus projetos.
Deles vieram meus filhos e meus netos
trazendo-me a alegria de ser pai.

Mas esta vida é mesmo um entra-e-sai.
Os meios de chegada são diretos
porém os de partida são secretos;
nunca se sabe o dia em que se vai.

Agora que antevejo o fim da linha,
percebo que não foi por sorte minha
que chego só ao ponto terminal.

Ah! quem me dera ter alguém comigo,
em cujos braços eu tivesse abrigo
quando eu visse chegar a hora final.

Última etapa

Um sentimento nobre, a amizade,
uma pessoas que sinceras sejam.
Tendo tudo a lembrar fraternidade,
leva alegria aonde quer que estejam.

Amigos para sempre, de verdade,
o bem de seu amigo é que desejam.
Às vezes dão-se mesmo à liberdade
de discutir, mas entre si graçejam.

Triste a pessoa que não tem amigo,
que, em solidão, lamenta sua vida,
fechada em si, queixando-se consigo.

Feliz aquele que amizades tem,
que, se preciso, o ampara na descida
pois a seu lado sempre existe alguém.

Belo sentimento

Um simples curso d'água
Gilson Rangel Rolim, 2008 – olgins@bol.com.br

– Há uma loura acompanhando
seu marido o dia inteiro...
– Pois vai acabar cansando...
O meu marido é carteiro!

Alba Cristina, 1104 Trovas e Poemas,
CP 123192:
28230-000 – S. Fco. de Itabapoana/RJ

Adoro ficar contigo.
Aproveita o tempo agora,
pois quando ficas comigo
esqueço o mundo lá fora...

Analice Feitoza de Lima, 1112
Fanal: R. Álvares Machado 22, 1º
01501-030 – São Paulo, SP

Foi meu pai, quem me criou
me cuidou e protegeu.
Se hoje, eu sou o pai que sou:
– devo ao pai, que Deus me deu!

Elza Meirelles Chola, 1202
O Patusco: Caixa Postal 95
61600-970 – Caucaia, CE

Os pais que rezam... e dão,
afetos... aos seus rebentos,
no lar trocam um furacão
pelos mais brandos dos ventos.

Paulo Roberto da Silva, 1112 Trinos
do Pitiguari: R. Guanabara 542
59014-180 – Natal, RN

Quem perde o tempo não sabe
que perde a vida também,
pois jamais a vida cabe
no tempo que a gente tem!

Zaé Júnior, 1112, A Voz
da Poesia: Rua dos Bogaris 183
04047-020 – São Paulo, SP

Parece que o trovador
é um ser abençoado:
transforma em versos de amor
um sonho desmornado.

Zenaide Marçal, 1112
Binóculo
jbatista@unifor.br

Amor... Paz... Fraternidade:
eis o trinômio perfeito
a fim de que a humanidade
tenha Deus dentro do peito.

Quem não faz, risco não corre.
Erro... engano... quem não falha?
Só pode errar quem socorre,
age, executa, trabalha!

Quando ninguém te elogia,
não há perda nem proveito:
o que fazes dia a dia
somente a Deus diz respeito.

Quem quiser vencer na vida,
não busque nenhum atalho:
é partir duro pra lida
e se impor pelo trabalho!

Cabelos soltos ao vento...
Pés de leve sobre a grama...
A vida toda é um momento
no coração de quem ama!

Se o peito de amor transborda
e as mãos não se veem sozinhas,
dentro de nós um deus acorda
ao som de mil campanhas!

Maria Thereza Cavalheiro, Trovas para refletir, 2009: para correspondência: Caixa Postal 1944, Agência Central, 01059-970 – São Paulo/SP

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.03.12, enviar até 3 haicus de quigos: Cação, Camélia, Correio Elegante.
Até o dia 30.04.12, enviar até 3 haicus de quigos: Ipês amarelo, Poluição, Rio Minguante.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82
05010-040 - São Paulo, SP

ou mfmendez@superig.com.br

3. A folha conterá o nome do haicuísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

QUIDAIIS DE OUTONO – TEMAS DE OUTONO

Tanque de peixes –
uma libélula pouca
ao entardecer.
Benedita Silva de Azevedo

A folha à janela
carregada pelo vento.
Pré-núncio de outono.
Delores Pires

Ah! Farta colheita.
Na fruteira sobre a mesa
doces mexericas.
Hazel de São Francisco

Tarde de outono –
a revoada dos pássaros
na praia deserta.
João Toloi

Final de reunião –
entre risos e conversas,
o vento de outono.
Lourdes Fátima Basílio

Neblina espessa –
de repente emerge o grupo
de trabalhadores.
Monica Martinez

Horas de viagem –
a mesma lua da estrada,
imóvel, por fim.
Tânia D'Orfani

Goga e haicai: Um sonho brasileiro, 2011 – www.escrituras.com.br

HAICUS BRASILEIROS EM FOLHA

Um ninho de pássaros,
num dos braços do espantalho...
Filhotes pipilam! Q
Amália Marie Gerda

No meio da roça,
um passarinho no braço
do velho espantalho. E
Analice Feitoza de Lima

Menino se arrisca
pelo abacate maduro
no galho mais alto. E
Argemira F. Marcondes

Forte ventania
desmoronou o espantalho.
Plantas amassadas. Q
Flávio Ferreira da Silva

Na cruz de madeira,
um paletó envolvido.
Espantalho a postos. E
Manoel F. Menendez

Leve vento agita
os farrapos coloridos
do velho espantalho. L
Neuza Pommer

Mulher distribui
os abacates do sítio
pela vizinhança. L
Renata Paccola

Carroças transportam
o abacate susculento
borrifando a estrada. Q
Amália Marie Gerda

Louva-a-deus, imóvel.
Camuflado pelas folhas,
aquece-se ao sol. D
Angela Guerra

No campo de milho
espantalho balança
no vento forte. B
Denise Cataldi

No chão, abacates
caídos, quase maduros...
Forte ventania. E
Iraí Verdan

Em meio-abacate
o menino delicia-se.
Limão e açúcar. Q
Manoel F. Menendez

Trapos desbotados
balançam ao vento,
no campo: espantalho. Q
Neuza Pommer

Aves assustadas.
No terreno semeado
espantalho ao vento. E
Roberto Resende Vilela

Num galho bem verde,
um louva-a-deus, invisível,
procura alimento. Q
Amália Marie Gerda

Espantalho-monstro
cumpriu seu dever.
Espigas maduras. Q
Angela Guerra

Chegando à fazenda.
Um espantalho feioso,
de braços abertos. L
Djalda Winter Santos

Pássaros pousados
nos braços do espantalho –
hora do descanso. L
Iraí Verdan

Início da manhã.
Na capela aberta
um louva-a-deus. A
Marilena Budel

Na antiga fazenda,
espantalho abandonado
com roupas rasgadas. E
Renata Paccola

Folhas farfalhantes.
Passarinho desconfiado
pinica o abacate. Q
Roberto Resende Vilela

Deslumbradamente,
criança olha o louva-a-deus
numa folha verde. L
Analice Feitoza de Lima

Braços do espantalho
pretendo a plantação.
É noite. Impressiona. Q
Angelica Villela Santos

Na geladeira,
abacate batidinho.
Boa sobremesa. Q
Djalda Winter Santos

Entre as folhas verdes
ah... um galho que se move...
Louva-a-deus rezando? Q
Iraí Verdan

Em meio ao jardim
garoto fotografando
louva-a-deus na folha. B
Neuza Pommer

Patinhas unidas –
enquanto a presa não chega,
louva-a-deus aguarda. E
Renata Paccola

Numa folha verde,
ao sopro da viração,
valsa o louva-a-deus. Q
Roberto Resende Vilela

O S L Á B I O S D E L U C I
Arivaldo J. Sezyshita, Tigüerra: O beijo, Antologia 1998, Casa do Novo Autor – casadonovautor@uol.com.br – Gentileza de Maria Guilhermina

Luci tem saudade dos
abraços dele, de todos eles.
Mas, é o beijo que ele lhe dera
que a deixou como que
paralisada, esperando-o que
retorne. Fora um só beijo, e ali
estava ela, a esperar aquele
que não chegava.

É mais uma propensão do
que deveria ser do que foi na
realidade. Tudo bem. Foi feliz
aquele dia, e sabia o tempo
todo disso, ainda que sentisse

já no interno uma certa
dificuldade em vivenciar a
possibilidade de que ele
ficasse. Não poderia partir daí,
não conseguiria desenvolver-se,
nem ir para frente. De
qualquer forma, mesmo
deixando em aberto, entre
experiência acontecida e
experiência desejada, Luci
goza, dá gargalhadas e rejuvenesce.
Faz parte de seu conteúdo,
com retomada de

suas maneiras de abraçá-lo. E
as pessoas. Sem aceitação
homogênea, com práticas
diversificadas, trabalhando
pequeno, sem perder-se no
universal. Luci reza: miseri-
córdia, enquanto pensa nele,
que não tem nome.

De que Luci viverá hoje? De
chimarão e de um desgaste
muito grande que projeta seu
futuro, que revela seu novo
patamar histórico. É um

contínuo desenvolver, o
horizonte pelo qual lê, relê e
trêlê, desgastadamente, a parte
que ainda falta. Tem que
imaginar um futuro, utopias
desgraçadamente irreais, que
possibilitam todos os gestos de
busca. O chá erótico está
sendo chupado por todas as
bocas, o seio passa de mão em
mão. Esta sala é uma roda,
quase quadrada, quase retan-
gular, quase redonda. É um

mundo congestionado, caren-
te de interpretações e de
correntes de interpretações.
Decorrentes de interpretação
parcial são os traços que traça
e que a denunciam. Por mais
que navegue e viaje está ali,
situada como uma formiga
num engenho, absorta pela
doura até das paredes. O
mundo é uma uva.

Expansão: acentua ainda
mais o frequente desentendi-

mento, resposta experimental
que não dá certo. Não dará
certo repousar cotovelos em
joelhos, ambos são ossudos
demais. É certo que dois
bicudos também se beijam,
mas o beijo de dois ossudos é
duro demais, parecido com
assento de bicicleta antiga. E
de bicicleta nova mais ainda,
assentos semifálcos que quase
desaparecem em meio às
nágegas volumosas de Luci.

Talvez seja por isso que na ausência dele é quando ela mais sai a pedalar. Luci é uma safada, essa é a verdade, sempre o foi. Muito mais agora, na falta do amado. Dividida entre ela e uma outra o que faz, além de esperar o amado, é trapaça, do que gosta, além de sorvete, é de transgredir normas velhas e superadas, o que lhe causa profunda alegria. Há uma ética nisso tudo, na destruição dos mandos e desmandos, poderes que se tomaram ilegítimos. É no dia-a-dia (no subir e descer da gangorra) que se constitui a legitimidade ou não de qualquer poder. É possível saber dos medos e dos traumas impregnados na terra encharcada de lágrimas alheias. De sua parte, transgredindo Luci dormirá tranquila, enquanto outros terão sono turbado como o de um tirano.

Calmamente, banhada, ela derrama perfume no pescoço. Nestas horas ela sempre lem-

bra do que ele lhe escrevera quando ela ainda não era gorda: Sou capaz de me apaixonar por uma girafa, por uma avestruz, de tanto que gosto de um "pescuoso". O teu, tão lindo, tão termo, tão fino, tão tão! Suave, frágil pescoço que me atraí. Afixiar-te-ei, degolar-te-ei, já que não és meu. Crivar-te-ei meus dentes enormes e afiados, como vampiro faminto. Verás. Um dia explicar-te-ei a teoria dos quatro dedos.

Isso ele escreveu num papel amassado que entregou a ela, seguido de um beijo molhado, demorado. Beijara-a nos lábios e partira. Sugara parte de sua vida e fora embora, deixando-a paralisada, com um papel amassado na mão, um poema que falava de pescoço e não de beijo. E fora embora, sem explicação alguma, sem endereço, sem telefone. E ela ficou, gorda e perfumada, olhando-se no espelho da velha penteadeira. Com estranheza

observa seu corpo rechonchudo e seu lábios magros, e não entende e quase delira sentindo o peso de seu próprio pescoço. Se ele voltasse, o que diria agora de seu pescoço? Como a reconheceria, quase gorda, com aqueles lábios e ciclista? Que atividade tinha que desenvolver, pedalar por mais de uma hora, querendo afinar o pescoço e engrossar os lábios.

Luci nunca confessaria que sentia prazer em esconder no meio de suas pernas o assento duro. Diria sim do quanto suave, diria que o suor era esforço, mas não que era prazer. Safada e acatada, sempre assim, à espera de seu amado e inigualável homem. Cada dia que passava ela o promovia, e já quase não encontrava adjetivos para aplacar a agonia esperançosa. Aquele diabinho, delirava ela, despertou a paixão em meu coração e o que fez? Sumiu, desapareceu, evaporou. Não!

contínuo desenvolver, o horizonte pelo qual lê, relê e Se ao menos tivesse evaporado seria bom, pois quem sabe algumas gotinhas espatifassem em meu pescoço, molhassem meus lábios mirrados e penetrassem na minha carne, percorrendo para sempre minhas veias, sustentando meu ser.

Passavam os dias e ele não chegava. Luci nunca mais ela o visse. Ele não prometera nada. Apenas lhe entregara algumas palavras, acompanhadas de um beijo, sem dizer nada. E Luci fixara-se em seus lábios, desejando a sintonia total. E ele partira, sem nome, sem saber que a deixava semimorta. Talvez não soubesse que o amor mata tanto quanto ou mais que a fome. Talvez ele não voltasse nunca mais. Mas Luci esperava. Esperava e trabalhava, comprava sorvete, andava de bicicleta, alimentava gato e cachorro e lia, relia e trelia o poema sobre seu pescoço. Era

uma ribeirinha que não conhecia a teoria dos quatro dedos, mas que não se cansava de esperar a chegada do boto. Estava encantada, enfeitada em noite de lua cheia. Iluminada e quente molhava pés, pescoço e lábios no rio de água doce. Com doçura esperava que o seu corpo fosse possuído. O coração vez por outra roubava-lhe a mente por aquele que com seu poema, com seus lábios e beleza, a engravidara de sonhos cheios e crescentes, inflamando a saudade. Esperava, esperava e esperava. Que ele voltasse para ver como são feios os lábios ressequidos.

Enquanto Luci esperava a companhia de beijos sem fim, contemplava a lua cheia se encurvando até o fim da noite, dando lugar a um sol másculo a secar suas roupas tmidas no varal. Depois do banho Luci ainda sentia calor. E já fazia dias que havia se queimado a resistência do chuveiro. Água

fria, incapaz de matar sua queentura. Luci atirou-se semina no sofá mole. O cachorro pulou no seu colo, o gato esfregando-se em suas pernas. E esperava, suada, novamente.

Quando ele chegou foi anonimamente, sem estardalhaço, sem avisar, como alguém que assalta a casa, sem lei, sem zelo salvador, devido à gravidade da situação: o passado não salva mais. Sem parcimônia, estrategicamente explicou a teoria dos quatro dedos e sobreviveu, captando que pescoço gordo permite mais suor e mais empenho a quem não tem dentes afiados de vampiro. Eliminou tudo o que diminuía, abraçou tudo o que segregava e beijou os lábios de Luci até vê-los carnudos e tímidos como antes: estava dando-lhe vida. Assegurou um futuro perfumado e saudável, voluntário, patriótico, limpo e provinciano.

E Luci vendeu sua bicicleta.

G R O G O T Ó !
Evandro Affonso Ferreira, 2ª Edição – 2007 – Editora 34: Tel/Fax 011 3816-6777 www.editora34.com.br – Gentileza de Edmilson Felipe

GROGOTÓ!*

Trinta e cinco anos fazendo roupas de talhe masculino, eah, trezentos e cinquenta termos talvez, tesourei um semfim de casimiras linhos que tais, vida toda quase, debruçada sobre aquela Singer velha de guerra, infarto maldito me trouxe de repente pra esta UTI, destino fez chancheta comigo, gostaria tanto de fazer o meu próprio jaquetão de oito botões pra chegar vistoso que só vendo diante do criador do Univer...

*Agora é tarde! Acabou-se!

ORNITOLOGIA

Não, não, muito mais, 500 e tantas espécies, ficam parádnhos no ar, poxa, o beija-flor é uma beleza, voando em linha reta ele faz até 74km por hora; sim, é verdade, o atobá chega a 110km; vamos com calma, colega, acho que você tá fazendo confusão, esse pássaro que tem o costume de cavar o ninho na madeira mole não é o bico-virado carijó, o nome certo dele é bico-virado-miudinho; voa sim, você tem razão, o condor voa a mais de 8.000 metros de altura; andorinhas... bem lembrado, a velocidade normal delas, durante a revoada é de 80km por hora, merda!, to há quinze anos aqui dentro e ainda levo susto com o barulho dessa maldita sirene, eh-eh, vamos pro pátio, colega, tá na hora da gente tomar sol.

ESTRABULEGUICE

Gosto de andar com esses perendengues no pescoço, gosto mesmo, noutra encarnação fui rainha do Egito parece; veja, colar de tampinhas aqui demorou meses pra ficar pronto, é, tampinhas raras, bebidas estrangeiras, água refrigerante cerveja tudo; qual o quê, bondade do moço, já fui mais bonita, bonitona gostoso-na peituda mesmo; hoje tô assim, esmalhada lacrecinha desleixada mal-vestida, matrafona mesmo; tempo passa depressa, moço, muito depressa mesmo; veja, colar de ossos de faisão, é, demorou mais tempo dois anos quase; obrigada, gentileza sua trazer biscoito de polvilho, gosto muito de biscoito de polvilho, demais mesmo; cruz-credo, moço, para de me chamar de mãe; toda vez que você vem me visitar, mesma ladainha sempre, mãe, mãe, mãe.

ARAÁ!

Vivo numa aborreguice daquelas, pudesse passava o resto da vida nesta cadeira de balanço; ando numa indecisão, numa maré-me-leva-maré-me-traz que só vendo; ó vida custosa; agora, para mal dos meus pecados, dei pra soltar perdigoto na cara das visitas, cada vez mais rareadas, é verdade, também pudera, virei uma loba da estepe, caturre; ó vida besta; estou durante muito tempo, velho como a

serpe; incomoda mesmo é a solidão; careço ouvir voz que não seja a minha, risada que não seja a minha, choro que não seja o meu, casmurrice que não seja a minha, tosse que não seja a minha, peido debaixo do lençol que não seja o meu, arrotos depois das refeições que não seja o meu; ó vida marasmada; desculpe, meu bichano querido, desculpe, você faz quase tudo isso, é verdade, quase tudo, mas, conwenhamos, não é a mesma coisa que ele meu finado marido, não mesmo.

RUVINHOSO

Santinha do pau oco aquela já pintou a saracura, pintou bordou saracoteou, carinha santimoni-al dela comoveu o filho Dele, Pedrinho solerte da Silva aqui não, entendo do riscado, infeliz vai ficar uns tempos no Purgatório, podemos abrir precedentes de jeito nenhum senão teremos lá fora fila gigantesca de outras Marias Madalenas arrependidas.

LAFRANHUDO

Desde sempre fui assim, moleirão; vida toda você fez gato-sapato do pai-gonçalo aqui; lua-de-mel, ei, mal feitoso, vê se consegue tirar uma vez que seja minha calcinha sem arrebentar o elástico; menino nasceu, não deixa essa fralda cheia de merda aí não, palonço, acabei de trocar a fronha; aniversá-

rios casamentos natis coquetéis, *chega, bebeu demais, duas doses são suficientes, troca de copo, guaraná cheinho de gelo, pronto, excelente disfarce*; trinta anos, quase, comendo da banda podre, humilhações reprimendas públicas o diabo; bom, você com certeza está tentando inutilmente gritar a plenos pulmões, *banazola de merda, mijou no meu túmulo, não sacolejou direito o pinto, pronto, lambuzou toda a calça.*

EVOÉ!

Aconteceu semana passada, quarta-feira, tarde chuvosa, carro bonito parou aqui na porta, moça dona dele, de saia justa, amarela, desceu descalça segurando pé de sapato na mão esquerda; quebrou, disse ela, moça morena encantadora; desembarcada, foi logo sentando no banquinho, esse aí onde você está; peguei mais que depressa sapato dela, examinei; trabalho delicado, exigia concentração; de repente, erê, olhei de esguelha, vi morena tirando meia de seda molhada da perna esquerda, veio desenrolando desde lá de cima; calcinha era amarela acho, difícil precisar; coxas, sim, vi, huifa; situação difícil pra mim, sofrendo as injurias do tempo, avô de três netinhos lindinhos, tal moça morena fazendo aquilo comigo, desenrolando meia da perna esquerda, da perna direita, sem cerimônia nenhu-

ma, huifa, corpinho dela parecia corpo da Sophia Loren aos vinte; minhas mãos tremiam, meu coração estava na boca, erê, morena me ensofegou pra valer; depois, pegou par de meias encharcadas, jogou naquela lata de lixo ali, perguntando se tinha toalha, tem pano limpo, respondi; ela sentou outra vez nesse banquinho, enxugou devagar os pés, as canelas, os joelhos, as coxas, tudo sem pressa, numa displicência que só vendo; vontade era deixar martelo prum lado, Luís XV pro outro, ficar olhando morena enxugando lentamente coxa esquerda, coxa direita, mas não consegui amigo, maior parte do tempo fiquei com aquele olhar de vaca laçada, consentando a trouxe-mouxe sapatinho dela, huifa, dez/quince minutos mais deliciosos da minha vida; moça pagou dobrado; corpinho saiu na ponta dos pés, entrou no carro, vruuummm, bateu a linda plumagem; semana inteira fico pensando nas coxas dela, na calcinha dela; netinhos lindinhos falam comigo, qual! ninguém consegue desencantar este meu olhar fugidio.

INSONOLÊNCIA

– Dorme, querido, dorme... Seria mais fácil realizar os doze trabalhos de Hércules.
 – Dorme, querido, dorme...
 – E pensar que tudo começou com Pandora, que remo-

veu o tempo do jarro espalhando males pelo mundo.

– Dorme, querido, dorme...

– Agora eu entendo porque Astréia, vendo a degenerescência moral dos homens, foi para o céu, tornando-se a constelação da Virgem.

– Dorme, querido, dorme...

– Todos os nossos projetos resultaram em atividade esgotante e inútil. Não tenho mais força para recomençar este trabalho de Sísifo.

– Dorme, querido, dorme...

– Estou me sentindo como se tivesse sido confinado no sombrio Érebo.

– Dorme, querido, dorme...

– Meu destino foi desviado pelo ciumento Zéfiro. Sou um Teseu perdido no intrincado covil do Minotauro, sem a ajuda de Ariadne.

– Dorme, querido, dorme...

– Até quando suportarei esta condenação eterna? Afinal, não me chamo Tântalo, tampouco trai a amizade e a confiança dos Olímpicos.

– Dorme, querido, dorme...

– Bíblia transformou-se em uma fonte, Cieno em cisne, Ascálofa numa árvore de mau agouro, Calisto em ursa, Dafne em árvore, e eu, pelo andar da carruagem, vou me transformar numa ovelha negra.

– Dorme, querido, dorme...

– Dorme, querido, dorme... o mundo não vai se acabar só porque você perdeu mais uma vez o emprego de professor de Mitologia... Dorme, querido, dorme.

Sou direito, gosto um pouco de pinga, de jogo e briga! No mais... só fumo e sou louco por casa de rapariga!
 – Na pinga que eu bebo, tento minha mágoa afogar!
 – E consegues teu intento?
 – Qual, ela sabe nadar!

Meu filho, não faça jogo com a dívida, antes pense! Com ela jogar, é fogo!
 – A dívida sempre vence!
 O tempo bom já se foi! eu mesmo, sem ser patife, pra não brigar, dava um boi!
 – hoje... brigo por um bife!

Sempre fui cidadão puro, disso não faço segredo. Acho que casual no escuro só se abraça por ter medo.
 Um casal, em longo abraço, coladinho, não condono. Pode ser falta de espaço...
 – dizem que o mundo é pequeno!

A mata é virgem e bela, com recanto pitoresco, por que o ar que dá em cima dela nunca deixou de ser fresco.
 De ferro é a roda do trem que assim seguro caminho. Borracha não lhe convém que pode apagar a linha.

– Levarei dez dias, Raimundo, numa casaca comprida?
 – Olha, em seis, Deus fez o mundo.
 – É... mas não foi sob medida!
 Peçonhenta e contundente a língua tensa afiada, se cravares nela o dente vais morrer envenenada.

Se é perdição a bebida, eu me perco neste bar. Ao tempo que estou perdida fica fácil de me achar!
 Do jeito que anda o salário, do jeito que as coisas vão, é arroz pelo crediário e consórcio de feijão!